

Boletim Cultural e Ecológico

A revista comunitária da Vila Clementino

Ano 1 - Nº 4 - Resp.: José Carlos Corrêa Cavalcanti - F. 2506-8298 - vilaclementino.sp@gmail.com
Agosto/2012 - Tiragem: 1.200 exemplares - www.boletimculturalecologico.com.br

Breve reflexão sobre a *felicidade*

de José Carlos Corrêa Cavalcanti

Boletim Cultural e Ecológico

A revista comunitária da Vila Clementino

Ano 1 - Nº 4 - Resp.: José Carlos Corrêa Cavalcanti - F. 2506-8298 - vilaclementino.sp@gmail.com
Agosto/2012 - Tiragem: 1.200 exemplares - www.boletimculturalecológico.com.br

APOIO:



Kyrial
clínica

Dr. Marcelo Capuzzo
Professor Assistente de implantes na APCD

IMPLANTES - CLÍNICA GERAL
ODONTOLOGIA ESTÉTICA
CLAREAMENTO

Rua Madre Cabrini, 77 - Vila Mariana
Rua Itapiru, 23 - Praça da Árvore
Fones: 2276-7027 / 2613-1033
Com estacionamento
www.kyrialclinica.com.br



repinte
técnica em pinturas

Hidrojetamento
Impermeabilização de Superfícies
Aplicação de Graffiato e Texturas
Tijolo e Concreto Aparentes
Pastilhas

Pinturas:
Fachadas, Áreas comuns e Garagem

Rua Pedro Morganti, 126 - V. Mariana
Tel/Fax: (11) 5084-9270 - 5083-8171
www.repinte.com.br

11 DE JUNHO

Centro Automotivo de
Troca de óleo & Escapamentos
Desde 1965 bem servindo a todos

Filtros **Freios**

Baterias **Catalisadores**

Av. 11 de Junho, 559 - Vila Clementino
Fones: 5549-9080 / 5549-1874
www.11dejunho.com.br

BREVE REFLEXÃO SOBRE A FELICIDADE

José Carlos Corrêa Cavalcanti

Tema complexo, esse - a Felicidade. Claro está que os que sofrem dores físicas precisam atenção, remédios apropriados e humanismo — não somente de remédios, como parecem pensar certos profissionais da área médica —; os que têm fome precisam ser alimentados, e as crianças devem ser acolhidas, mantidas, acarinhadas.

Refiro-me à Felicidade que tantas vezes nos falta, mesmo quando não temos dores, nem fome, nem sede; aquela relativa ao sentido de nossas vidas, ao significado da dor, da finitude, e ao vazio de nossas almas, que tentamos preencher de inúmeras maneiras.

Gostaria de lembrar, inicialmente, as três famosas e inquietantes perguntas da Filosofia com que os filósofos gregos nos brindaram, há milhares de anos: "quem somos, de onde viemos, para onde vamos?". São perguntas cruciais, ainda que de difícil resposta. Para mim, a primeira delas é a mais importante: "Quem somos?", e creio que pensar sobre isso com gana, energia e paixão, abre um pouco o entendimento sobre a questão da felicidade.

Mas o espírito de nossa época é pragmático e imediatista, e não tem interesse em questões tão pouco práticas como essas; e por isso elas passam, por toda a nossa vida, completamente ignoradas, como se nenhuma importância tivessem.

O importante é que o show tem que continuar, e a indústria das engenhocas e do entretenimento não para um instante sequer, sempre prometendo a felicidade, ainda que trivial, momentânea, enganosa, não importa: em nossa sociedade superficial, feliz é quem consegue estruturar seu tempo em incessantes ocupações agradáveis, ou pelo menos com o máximo possível delas.

Podemos não saber responder aquelas perguntas, mas parecemos responder com facilidade a outra pergunta, igualmente importante: "— Para quê viemos aqui?" Nossa pronta resposta seria: "— Para ser felizes!", tão caro nos é o ideal da felicidade. Basta ver o "tudo bem!", "tranquilo!", "tudo em paz!" com que nos saudamos e respondemos às saudações, por sinal, nem sempre com total sinceridade.

No campo musical, muitas são as músicas brasileiras que falam desse tema. Vou destacar apenas duas. Uma das mais pungentes, que relata quão volátil é essa formosa dama, é a valsa "Dona Felicidade", de Benedito Lacerda e Nestor Tangerini, pouquíssimo conhecida de todos e principalmente dos mais jovens.

Eu mesmo só vim a conhecê-la porque minha mãe um dia, casualmente, me falou dela, cantando vários trechos, até que encontramos a letra completa:

**"No País da Fantasia, que habitei na mocidade,
eu também quis, certo dia, ver Dona Felicidade.
Enveredei pela Estrada da Esperança, e em meio, então,
mais linda do que a Alvorada, encontrei Dona Ilusão..."**

BREVE REFLEXÃO SOBRE A FELICIDADE

José Carlos Corrêa Cavalcanti

Perguntei-lhe logo, a ela, se onde morava sabia
a criatura mais bela do País da Fantasia.
E a Ilusão, gesto risonho, mostrou-me, numa colina
da Cordilheira do Sonho, uma casa pequenina.

Prossegui na caminhada, e, cansado, mas ufano,
bato à casinha indicada, onde um velho, o Desengano,
me atendeu com gravidade à informação que pedi:
- A Dona Felicidade já não mora mais aqui."

Notem como Dona Ilusão coloca a Felicidade, "a criatura mais bela do País da Fantasia", num lugar de difícil acesso: na "Cordilheira dos Sonhos", "numa casa pequenina". Mui grande é o trabalho do viajante, movido por seu desejo, até chegar ao local por ela apontado.

Assim também sucede conosco quando, cheios de esperança, nos direcionamos para os objetos exteriores em busca da felicidade, embora eles sejam impermanentes, ilusórios e até enganosos — além de trabalhosos, como indica o poema. E o pior é que a sensação de plenitude que nossas conquististas nos trazem é apenas momentânea. Talvez por isso o velho Desengano respondesse gravemente: "A Dona Felicidade... já não mora mais aqui".

Outra famosa música que trata desse tema é "Boas Festas", de Assis Valente, considerada a única canção popular de Natal genuinamente brasileira:

"Anoiteceu! o sino gemeu, a gente ficou feliz a rezar...
Papai Noel! vê se você tem a Felicidade, prá você me dar.
Eu pensei que todo mundo fosse filho de Papai Noel,
Bem assim, Felicidade eu pensei que fosse uma brincadeira de papel!
Já faz tempo que pedi, mas o meu Papai Noel não vem...
Com certeza já morreu, ou então, Felicidade é brinquedo que não tem!"

É interessante que essa música seja, quase sempre, tocada e cantada num ritmo muito alegre e rápido, passando porém despercebido o que ela contém de doloroso, de trágico até, ou seja, o esperar a vida toda pela Felicidade, em vão, e ser constantemente confrontado com os infortúnios que, sem nenhuma cerimônia, a existência nos traz. E, embora a melodia seja composta em tom maior, essa canção é muito dolorida e certamente retrata a alma do autor, Assis Valente, que acabou se suicidando, depois de várias tentativas, pondo termo a uma existência sofrida, ainda que pontuada por vários sucessos conseguidos em função de seu extraordinário talento musical.

Na poesia, é famoso o poema "Esperança", de Vicente de Carvalho, que, num certo trecho, assim se refere ao tema:

BREVE REFLEXÃO SOBRE A FELICIDADE

José Carlos Corrêa Cavalcanti

“Essa felicidade que supomos / árvore milagrosa, que sonhamos
toda arriada de dourados pomos, / existe sim; mas nós não a encontramos,
porque está sempre apenas onde a pomos: / e nunca a pomos onde nós estamos.”

Ou seja, a felicidade existe sim, mas está em outro lugar, pois nós a colocamos longe de nós mesmos. Por quê? talvez por não a reconhecermos em nossos processos mentais e emocionais, que, ao contrário, geralmente são a sede de nossos conflitos e temores, enganos e desenganos.

O fato é que seguimos pela vida sentindo-nos como entidades separadas e incompletas, à procura de um completamento através de outras entidades igualmente separadas e incompletas, ou ainda nos identificando com entidades maiores, supostamente melhores e mais dignas ou nobres (uma instituição benemerita, um partido político, uma raça ou país, etc.), até chegar à própria Divindade, que as religiões tanto nos ensinam.

O conceito de Felicidade, como tudo o mais, é também mutável e adquire novas feições com o passar do tempo. Inicialmente nós o ligamos à aquisição de objetivos, materiais ou não, que nos levariam a desfrutar um estado interior de plenitude, de puro contentamento, sem qualquer vestígio de tristeza, ansiedade ou dor.

Na infância, essa coisa mágica poderia ocorrer, talvez, ao ganharmos nosso presente preferido; no vigor dos anos, ainda jovens, ao obtermos uma boa qualificação profissional, um bom emprego, um bom carro e conseguir a mulher amada – tantas coisas!

Quando já mais maduros, ficamos felizes ao atingir uma certa segurança material, e quando mais velhos, contentamo-nos ao desfrutar saúde razoável e viver sem sobressaltos.

Por sinal, a essa altura, a felicidade que sonhamos quando jovens passa a ser vista com certa desconfiança pelo que tem de sensorial, centrada que é na materialidade, tendo como pano de fundo o jogo da preservação da espécie – trazendo, por isso, apenas uma fruição passageira, embora intensa, e muito sujeita a chuvas e trovoadas.

Não seria, pois, a verdadeira Felicidade, que agora imaginamos como sendo um estado de ser mais calmo, centrado, profundo, e certamente bem mais que um breve instante de plenitude.

Na maturidade, começamos a perceber que associar o sentimento de felicidade ao conseqüimento dos objetos de nossos desejos é colocá-la no domínio das coisas corruptíveis, no mesmo plano das coisas materiais, sujeitas às mudanças e arranhadas ou destruídas pelo tempo.

Assim, lentamente, chegamos a uma concepção mais abstrata onde mais vale o descanso do espírito e a libertação do peso do passado, com suas inevitáveis dores e frustrações, e do medo do futuro, com suas incertezas: a felicidade seria, então, a Paz, não devida a algo que se consiga, mas a algo de que nos livramos, a saber, nossa carga de temores e ansiedades.

Procurando o parecer dos sábios sobre esse tema, encontramos interessantes reflexões sobre a felicidade:

BREVE REFLEXÃO SOBRE A FELICIDADE

José Carlos Corrêa Cavalcanti

"Se alguém não encontrar a Felicidade em si mesmo, é inútil que a procure em outro lugar" - La RocheFoucauld.

"A Felicidade não é uma estação de chegada, mas um modo de viajar" - M. Ruberck.

"Não existe um caminho para a Felicidade; a Felicidade é o caminho." (Gandhi)

"As alegrias que brotam do mundo sensorial encerram germes de futuras tristezas; por isso, ó príncipe, não é nelas que o sábio busca sua felicidade" (Bhagavad Gita, livro milenar da sabedoria indiana)

"O autoconhecimento é o começo da sabedoria, em cuja tranquilidade e silêncio se encontra o Imensurável". (J. Krishnamurti)

Uma breve olhada nessas reflexões mostra que, geralmente, temos praticado exatamente o oposto do que elas nos recomendam.

Por exemplo: poucos de nós têm encontrado a Felicidade em si mesmos; geralmente a colocamos como um Ideal distante: eu aqui, e ela lá longe, estando o intervalo que nos separa cheio de dificuldades a serem superadas. Nessa visão, fruto do nosso modelo psicológico feito de entidades que perseguem outras entidades (ou fogem delas), a Felicidade é, sim, uma Estação de chegada, uma meta que, entretanto, nos frustra na medida em que não a encontramos (e somos impelidos a continuar a busca), ou nos acostumamos a ela (e ela perde o sabor e o frescor original, deixando de ser Felicidade).

Quanto ao nosso modo de viajar, em geral, é permeado por dúvidas e pela ansiedade, pelo sentimentos de necessidade e incompletude, e todo tipo de carências. E, uma vez que os meios guardam estreita relação com os fins (alguns dizem que não há diferença nenhuma entre os meios e os fins), fica difícil atingir uma Felicidade concebida como o Sumo Bem, quando é tão diferente disso o estado de espírito com que jornadaemos à sua procura.

Mesmo assim, insistimos em conceber a Felicidade como algo separado de nós; aliás, contra-riando Le RocheFoucauld, trata-se exatamente de procurá-la em locais bem distantes de nós mesmos — ainda que os sábios nos advertam de que essa busca é inteiramente vã.

Quando entendemos que a Felicidade inexistente como entidade, percebemos que ela não passa de uma projeção do nosso desejo de descanso e paz, atormentados que somos por uma infinidade de desejos e sentimentos contraditórios, que teimam em nos assombrar. A Felicidade, então, seria o abandono dessa carga, o retorno à simplicidade.

É aí que cai como uma luva a frase de Gandhi: "Não existe um caminho para a Felicidade; a Felicidade é o caminho."

Ou seja, não se trata mais a Felicidade como um objetivo distante a ser conseguido no decurso do tempo, mediante nossas escolhas (que poderão estar equivocadas) e ações (que poderão ser impróprias).

É algo que está no aqui, no presente — e só isso já nos traz um alívio considerável, poupando-nos o trabalho (e os riscos) da empreitada. Desse modo ela passa a ser um estado de espírito, um modo de caminhar centrado no aqui e agora. Parece simples, mas requer uma considerável mudança no modo de ver a nós mesmos.

Mais radical, a espiritualidade indiana tradicional nos adverte que "todas as alegrias oriundas da experiência sensorial contêm os germes de sofrimentos futuros; por isso, não é nelas que o sábio busca a Felicidade".

BREVE REFLEXÃO SOBRE A FELICIDADE

José Carlos Corrêa Cavalcanti

Aí... afinal, não é isso é o que todos temos perseguido a vida toda – exatamente as alegrias oriundas da experiência sensorial, com todas as recompensas (e os espinhos) daí decorrentes?

Por conseguinte, nosso interior – o de todos nós – não está cheio de lembranças e imagens relativas aos prazeres e dores experimentadas anteriormente?

Assim também está presente a nostalgia pelo bem perdido, bem como o desejo de reaver e repetir as alegrias e prazeres vividos, e de evitar tudo o que nos fere. E todo esse movimento se complica mais ainda quando percebemos que, inúmeras vezes, o mesmo objeto que nos dá alegrias também é fonte de tristezas, cuidados e dores.

Reflexão impiedosa, essa – “As alegrias oriundas da experiência sensorial contêm os germes de sofrimentos futuros”... mas, sem dúvida, faz sentido, porque ao nos apegarmos ao bem experimentado, certamente sofreremos quando ele se desfizer, o que é inevitável. Do mesmo modo, quando não conseguimos realizar nossos desejos, ficamos frustrados por isso.

A frase termina dizendo ainda "... por isso, não é nelas que o sábio busca a Felicidade", deixando-nos na curiosidade de saber, afinal, onde é que deveríamos buscá-la.

O círculo dos prazeres e das dores

Vejam que interessante: a partir de um estado de carência e insatisfação, forcejamos por achar algo, uma Paz interior, um estado de Ser diferente do que somos, isto é, incompletos, preocupados, ansiosos, cheios de conflitos interiores, vazios de qualquer substância não formada pelos resíduos da experiência sensorial, os quais *não nos conduziram* a um estado de perfeita paz e equilíbrio, para dizer o menos.

Projetamos então a Felicidade numa pessoa, num trabalho, causa ou objetivo, numa coisa exterior qualquer que nos pareça apetecível, ou benfazeja, mas invariavelmente o caminho até lá é cheio de pedras, e a coisa finalmente conquistada mostra-se instável, volúvel, mutável, cheia de fatores não previstos e incapaz de nos dar satisfação permanente.

Decepcionados, acabamos adicionando outros frutos amargos da experiência a nosso já conturbado mundo psicológico, reforçando o estado anterior, que assim nos impele mais uma vez, de novo e novamente, a perseguir quimeras.

A experiência, então, não traz felicidade duradoura; talvez, no máximo, uma breve e insuficiente amostra dela, que termina por acrescentar novos e dolorosos resíduos emocionais – que, por sua vez, geram um estado de espírito que nos impele a continuar a busca por novas alegrias.

É isso o que a sabedoria oriental chama de "círculo dos prazeres e das dores".

Haverá saída desse círculo vicioso? J. Krishnamurti, assim como Sócrates em tempos anteriores, aponta para uma possível saída através do autoconhecimento:

“O autoconhecimento é o começo da sabedoria, em cuja tranquilidade e silêncio se encontra o Imensurável”.

BREVE REFLEXÃO SOBRE A FELICIDADE

José Carlos Corrêa Cavalcanti

Se entendermos o Imensurável – aquilo que não se pode medir – como a fonte da verdadeira Felicidade, não corruptível nem ligada à realização dos desejos sensoriais, vemos que agora se fala em sabedoria, tranquilidade e silêncio para sermos felizes, e tudo isso a partir do autoconhecimento.

E assim voltamos à pergunta do início: "Quem somos?"

Concluimos que, no estado de ignorância a nosso próprio respeito, não somos sábios, nem felizes; o que conhecemos são prazeres efêmeros em cujo seio encontra-se a semente da decepção, perda, tédio, insatisfação e dor, criando um estado de eterna procura – um pouco parecido com a imagem do cachorro que tenta morder sua própria cauda.

Para encerrar, gostaria de acrescentar mais uma frase de grande sabedoria, atribuída a Lao-Tse: "a minha maior felicidade consiste em que não preciso fazer absolutamente nada para ser feliz".

Notem que ele não diz que não precisa fazer nada; não é isso, a vida está cheia de coisas a serem feitas, e ele certamente as faz – mas sem desejar, com isso, atingir a Felicidade. O ponto é que ele não precisa fazer absolutamente nada para ser feliz, e precisamente isso é a sua maior Felicidade.

Curiosamente, embora oriunda de outra época e de uma cultura totalmente diferente, essa frase está de perfeito acordo com a recomendação da sabedoria indiana, e também não entra em choque com as demais reflexões, anteriormente citadas.

Que mudança! inicialmente vinculada ao conseguimento dos objetos do desejo, nossa concepção de Felicidade vai se livrando das coisas materiais e passa a ser considerada mais como o descanso do espírito, liberto enfim do peso do passado e do medo do futuro, mas sempre cabe a pergunta: como fazer para conseguir ser feliz? como fazer para sentir uma Paz verdadeira, libertadora, completa?

Então vem Lao-Tse e nos diz, surpreendentemente: "a minha maior felicidade consiste em que não preciso fazer absolutamente nada para ser feliz".

Declaração extraordinária, no exato sentido da palavra, pois estamos acostumados a exercer ações para atingir objetivos: mas o estado descrito é totalmente não causado, já que não requer qualquer esforço (nem mesmo desejá-lo ou esperar por ele, que já são atividades mentais) – e ISSO é sua maior Felicidade, ou seja, fundir-se, identificar-se ou repousar em algo não sujeito à lei da causalidade.

Nenhum mérito é requerido, nenhum esforço é necessário, nem se fala em recompensa; a própria noção de tempo ali também está ausente. A Felicidade é, então, o completo repouso da mente, do emocional, da volição; é o puro Abstrato, sem qualquer vínculo com o sensorial.

É própria volta ao paraíso, perdido ao procurar... pelo paraíso – e na direção errada.